

***A CASA DA MÃE DOS HOMENS, DE IONE MATTOS: VIOLÊNCIA,  
MEDO E UTOPIA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO***

**Daniele Scalia**

Universidade de Caxias do Sul

([daniele.scalia@hotmail.com](mailto:daniele.scalia@hotmail.com))

**RESUMO (RESENHA):** MATTOS, Ione. **A casa da mãe dos homens.** Rio de Janeiro: Telha, 2023.

**PALAVRAS-CHAVE:** A casa da mãe dos homens; Ione Mattos; Pós-modernidade; Voz feminina.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-11
----------------------------	-------------	-------	------	------

## Daniele Scalia

Licenciada em Letras - Língua Inglesa pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), mestra em Letras e Cultura pela mesma instituição e doutoranda em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atua como professora de Língua Inglesa para fins específicos, tradutora, revisora e pesquisadora voluntária do grupo de pesquisa Interdisciplinaridade entre Letras e Direito da Universidade de Caxias do Sul.



[lattes.cnpq.br/9581271941262939](http://lattes.cnpq.br/9581271941262939)



[orcid.org/0000-0001-5069-079X](http://orcid.org/0000-0001-5069-079X)

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-11
----------------------------	-------------	-------	------	------

## A CASA DA MÃE DOS HOMENS, DE IONE MATTOS: VIOLÊNCIA, MEDO E UTOPIA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

**Daniele Scalia**

Universidade de Caxias do Sul

([daniele.scalia@hotmail.com](mailto:daniele.scalia@hotmail.com))

A casa enquanto personagem da narrativa não é uma novidade na literatura. Pensando apenas no cânone Ocidental, observa-se a importância adquirida pelo sobrado da família Cambará em *O tempo e o vento*, trilogia de Érico Veríssimo dividida em três volumes: *O continente* (1949), *O retrato* (1951) e *O arquipélago* (1961). Espirando o olhar pela América Latina, destaca-se a *Casa dos espíritos* (1982), de Isabel Allende, habitada por vivos e mortos e frequentada por espiritualistas, revolucionários e partidários da ditadura, como cenário de um período histórico importante e violento do Chile. Ainda pensando na casa como mais do que apenas as paredes que cerceiam os acontecimentos narrados, Virginia Woolf apresenta, em *Ao farol* (1927), a narrativa heterodiegética protagonizada por vezes pela casa que observa onisciente as personagens do romance e as consequências da guerra em suas vidas e espaços. Diante dessas representações literárias da casa é possível compreender o papel político que é frequentemente atribuído a ela.

*A casa da mãe dos homens* (Telha, 2023), novo romance de Ione Mattos, pode ser acrescentada ao rol de narrativas que se inscrevem na pós-modernidade e quebram com a forma linear de construção literária. A Casa<sup>1</sup> se constitui em uma personagem, abrigo que observa e reage às vidas – e às mortes – que a permeiam. A escrita de Mattos, nesse sentido, supera o uso do lugar comum da casa enquanto símbolo do imaginário para transformá-la em agente detentora de voz, movimento político que se justifica ao longo das páginas do romance e expande a função que a casa geralmente ocupa na literatura. Essa subversão de papel, movimento realizado na literatura pelas mulheres que passam de personagens secundárias descritas por vozes masculinas a personagens principais e/ou narradoras, conforme observa Rita Terezinha Schmidt (1995), indica a forte presença feminina que permeia a narrativa: da voz outorgada à casa até a cosmogonia indígena e matriarcal que explica o funcionamento do

<sup>1</sup> O termo “Casa” com letra maiúscula será adotado durante o texto para fazer referência à personagem do romance.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-11
----------------------------	-------------	-------	------	------

universo habitado pelas personagens, o texto de Mattos é alinhavado por uma perspectiva particular àqueles que são socialmente entendidos enquanto entes femininos.

Para Gaston Bachelard (1978), o estudo da casa constitui uma forma de topoanálise<sup>2</sup>, assim, quando examinada de perto, ela pode representar a topografia do seu íntimo de cada indivíduo. O autor argui que há uma essência compartilhada por todos os locais que se prestam a ser abrigo, mas também leva em conta que em suas particularidades, a casa fornece imagens dispersas e um corpo de imagens de forma simultânea. Também atenta para o fato de que o abrigado sensibiliza os limites do abrigo: “Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos” (Bachelard, 1978, p. 200). Como consequência disso, pontua que o onírico é um elemento fundamental do habitar de um lar. Pelos cômodos, objetos e recônditos das paredes que abrigam, memória e imaginação tornam-se indissociáveis. O vínculo com a infância torna a casa um elemento que transita no tempo, sendo vivenciada no presente e simultaneamente permeada pelo passado. Assim, a casa gera a sensação de pertencimento e segurança diante daquilo que é familiar. Para o autor, “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz” (Bachelard, 1978, p. 201).

*A Casa da mãe dos homens* é uma casa em toda a consonância com as propostas de Bachelard. A importância da dimensão onírica encontrada no pensamento do autor encontra eco na afirmação de Ione Mattos, no prefácio da obra, a respeito da inspiração no casarão imaginado por Chico Buarque em “A moça do sonho” (2017). *A Casa da mãe dos homens* é um abrigo no qual as dimensões da vida, da morte, do erótico e do onírico confundem-se em atravessamentos de fronteiras nada nítidas. Conduzida pelas mãos firmes e assertivas da miúda e envelhecida mãe Mirtila, herdada pela sábia Bisa Maiara, e originada como lar de um casamento poliamoroso entre um barão, uma prostituta e uma feminista, a casa é morada e parada de todos aqueles que tendem a ser afastados da sociedade, compondo um grupo humano ligado pelo afeto de ser afetado pelo preconceito que caracteriza a sociedade baseada em uma política que faz malabarismos com a tolerância e o medo. Ali habitam pessoas sem nenhuma outra possibilidade de moradia, negros, partidários do poliamor, defensores da virgindade até o casamento, órfãos, pessoas não-binárias, mulheres velhas, pessoas gordas e uma mulher anã.

---

<sup>2</sup> Para o autor, topoanálise é “o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima” (BACHELARD, 1978, p. 202).

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-11
----------------------------	-------------	-------	------	------

Localizada em um espaço habitado por aqueles conhecidos como “cidadãos de bem”, a Casa e seus habitantes são alvos de constantes violências, tanto por parte dos vizinhos e de um dos herdeiros, como da polícia. A configuração da aglomeração humana habitante daquele espaço questiona valores consolidados e aceitos pela parcela de extrema-direita da população brasileira. As personagens de Mattos propõem um diálogo já muito discutido na literatura comparada contemporânea na perspectiva de Ottmar Ette (2022): a inexistência de uma lógica única que permeie a construção de narrativas, sejam elas de vida ou literárias.

Nesse sentido, é possível apoiar-se no pensamento de Ette, para quem é preciso pensar no saber experienciar/vivenciar, no saber sobreviver e no saber conviver para pensar nos estudos literários enquanto ciência da vida. Por meio do conceito de *Weltliteratur*<sup>3</sup>, Ette propõe que

Podemos conceber e moldar um mundo que não deve ser um mundo no sentido de uma “grande família”<sup>4</sup>, e, portanto, de uma única lógica dominante, mas um mundo no sentido das suas lógicas de vida, de experiência, de sobrevivência e, acima de tudo, de convivência. (Ette, 2022, p. 74)

Realizar esse objetivo é uma reivindicação ética, mas também um desafio epistemológico, uma vez que a busca acontece para fora do âmbito da literatura na tentativa de “determinar o lugar e ainda mais as coreografias das pessoas no universo para além de toda a totalidade e de toda a totalização – e tornar literalmente possível a sua experimentação e re-experimentação” (Ette, 2022, p. 73).

*A Casa da mãe dos homens*, microcosmo do mundo desenhado por Ette e lugar de sonhos e devaneios possíveis em conformidade com Bachelard, apresenta-se como abrigo diante da sociedade violenta e que se forma em um contexto primeiramente colonizado, e, posteriormente, reprimido por ditaduras no Brasil. A respeito das repressões sofridas pelo amor, um dos fantasmas habitantes da casa comenta:

- Ah, Mirtila, esta Casa está, como sempre esteve, cheia dos amores. Amores mais às claras nestes tempos. Gostaria de ter vivido agora. Gostaria de ter passeado por entre as ruas com o barão e Franciszka, um de cada lado, trio de namorados. E não apenas termos serenado afetos entre quatro paredes, a portas fechadas. (Mattos, 2023, p. 60)

---

<sup>3</sup> Proposta de Ottmar Ette para designar as literaturas do mundo a partir de uma perspectiva polilógica e que descentraliza as noções europeias de literatura.

<sup>4</sup> Aspas do autor.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-11
----------------------------	-------------	-------	------	------

Preenchida por um passado expresso por suas memórias, rachaduras e, principalmente fantasmas, a Casa é cercada de plantas que no passado salvaguardaram o amor de Franciszka, Candinha e Amadeu dos olhares preconceituosos e julgadores da vizinhança. Na atualidade, suas plantas e janelas esboçam reações diante dos acontecimentos que se dão em seu interior. Em sua solidez e sombreamento, a casa permite que tudo aconteça, sendo sempre cheia de amores mais ou menos às claras conforme o tempo da narrativa que alterna entre o período da ditadura Vargas e os anos de 2013 e 2014.

A escrita polifônica do romance apresenta protagonistas diferentes em cada momento histórico. No presente, Lemuel, jovem órfão criado em um orfanato católico e recomendado aos cuidados de mãe Mirtila quando fizesse dezoito anos, protagoniza uma narrativa que se aproxima do romance de formação<sup>5</sup>, uma vez que o leitor acompanha seu crescimento diante da descoberta do amor, do sexo, das afetividades, da política e das próprias origens. O período ditatorial está representado na voz narrativa da casa, momentos intitulados “narrativas de pedra e pó” e no comparecimento do fantasma do barão Amadeu e de suas duas companheiras, ponto de intertextualidade e inspiração em Brás Cubas, narrador-personagem de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis. A voz de Amadeu explicita existência desencarnada que agora cabe a ele e as suas amadas:

1976 nos pegou aos três com mais de 70 anos e atenções mais lentas aos modos de se mover pelo mundo. Mais lentas, porém não menos cheias de tatos e deleites. Então aconteceu aquele momento de amor soberano, que lhes vou contar por puro encantamento do corpo que já nem tenho. (Mattos, 2023, p. 269)

O humor e os prazeres explícitos nas narrativas dos fantasmas garantem uma leveza que leva ao gozo e ao riso mesmo diante da temática opressiva da ditadura. A tessitura do texto borra com as fronteiras da vida e da morte, do fora e do dentro, do sonho e do real e também do gênero literário romance. O texto constituído por mensagens de *WhatsApp*, trechos de reportagens, redações de vestibulando, fotografias, rascunhos de jornalista, poemas de amor, interações com fantasmas e revelações feitas em sonhos prende o leitor em uma dialética do espaço externo e interno que se sintetizam na vida comum das personagens, bem como na interioridade de cada uma delas.

---

<sup>5</sup> Romance de formação entendido de forma abrangente como o romance que tematiza os anos de formação psicológica e moral de uma personagem.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-11
----------------------------	-------------	-------	------	------

Delicadeza e violência intercalam-se e encontram-se em fricções que alteram suas naturezas a cada momento, expondo um jogo polissêmico de contextos, lugares sociais, sonhos e suas confluências com a realidade. O Brasil que se apresenta no romance é a terra na qual a Casa é necessária como lugar de escape do contexto majoritariamente marcado por ideais violentos, colonizadores e disciplinadores de corpos. Nesse sentido, a casa, de acordo com Bachelard (1978), tem a função de abrigo. Assim, antes de ser colocado no mundo, o ser humano é agasalhado no seio da casa. O ser da casa é o bem-estar. A luz que se mostra de dentro para aqueles que a observam do lado de fora é uma presença quase que humana que espia pelo buraco da fechadura com promessas de refúgio contra as forças que a sitiam. Vladimir Safatle (2016) levanta o mesmo ponto quando entende a propriedade, no romance representada pela Casa, como um afeto político de segurança e amparo.

No entanto, o santuário que *A Casa da mãe dos homens* representa é profanado pela violência que se infiltra através das frestas abertas pela insistência da sociedade em isolar aquilo que não se apresenta conforme os ideais de extrema-direita que preenchem os pensamentos da elite detentora do poder financeiro e político. Tendo o medo como base, os habitantes da vizinhança da Casa promovem ataques que se iniciam com mensagens insultantes nas paredes e nos espelhos, invasões, pequenos furtos que se escalam para espancamentos e culminam em assassinatos com requintes de crueldade, expondo o perigo dos discursos de ódio propagados aos quatro ventos por uma parcela significativa da classe média brasileira contemporânea.

A violência baseada no medo conservador da mudança e daquilo que não é igual, tão nitidamente apresentada na narrativa, vide o discurso de que “o igual não dói” propagado por um dos personagens, é explicada por Safatle (2016), para quem o medo é um afeto político que propulsiona o indivíduo a defender sua maneira de compreensão da realidade, seus sistemas de interesse e suas fronteiras que servem como fundamento para o reconhecimento. Por essa razão, o autor argui que sistemas políticos que se fundamentam na institucionalização de liberdades individuais não podem ser dissociados da gestão e produção social do medo. Assim, tais sociedades vivem em uma cultura emergencial, temendo um risco imanente e contínuo de sofrer violência. As atitudes de Otto, um dos herdeiros da casa, e dos vizinhos, que se afastam e afastam os frequentadores e moradores da Casa de si e da sociedade refletem, no fundo, o temor no qual está baseada a política que os rege.

Para Safatle, a tolerância, base dessa política do medo, é necessariamente um mecanismo de defesa, uma vez que identidades são construídas por processos de oposição e exclusão. No caso das identidades culturais, a definição sempre se dá por relações assimétricas de poder. Assim, uma política tolerante constrói noções de diferenças toleráveis

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-11
----------------------------	-------------	-------	------	------

e intoleráveis, dado que o outro é visto a partir de sua diferença em relação à identidade de quem o vê. Faz-se necessária, portanto, uma reflexão que busque uma forma de pensar a sociedade a partir de um circuito de afetos que não esteja fundamentado no medo e que proponha uma visão do campo político enquanto espaço de desconstrução de diferenças. O autor reconhece na arte uma possibilidade dessa realização através do movimento de andar em direção à utopia que preenche o horizonte:

Talvez a única função real da arte seja exatamente esta, nos fazer passar da impotência ao impossível. Nos lembrar que o impossível é apenas o regime de existência do que não poderia se apresentar no interior da situação em que estamos, embora não deixe de produzir efeitos como qualquer outra coisa existente. O impossível é o lugar para onde não cansamos de andar, mais de uma vez, quando queremos mudar da situação. Tudo o que realmente amamos foi um dia impossível. (Safatle, 2016, p. 36)

O fio conector para a formação de um sentido da narrativa da *Casa da mãe dos homens* parece ser justamente o espírito da busca pelo impossível. Essa procura, no entanto, não se dá somente na luta contra causas perdidas, mas permitindo que “o amor nos utopie”<sup>6</sup> na (re) construção de ambientes e afetos nos quais o medo não seja uma força centrípeta, mas sim o respeito, a amorosidade e a desconstrução das diferenças na vida cotidiana. Essa forma de pensar e cultivar relações parece possível na medida em que há uma compreensão da realidade política que fere em suas tentativas de apagar o que considera como uma diferença intolerável. Evocando a personagem de Justino, demonstra-se a consciência das forças violentas sobre o diferente por parte dos moradores da casa:

O medo da gente pinta a cara do outro de diabo. [...] Quem é excluído ou se exclui não pertence e, como eu não o compreendo, passa a ser o meu diabo, que eu persigo para punir e que me persegue para me tentar. Na história foi assim com judeus, maltrapilhos, leprosos, mulheres que saíam do controle, bruxas, hereges: temíveis, mas muito tentadores. Que continuam a meter medo por aí. E quanto mais temíveis, mais diabólicos, mais tentadores. (Mattos, 2023, p. 63)

É também nesse sentido de buscar o impossível, ou talvez seja preferível dizer o pouco provável no contexto político do Brasil, que Safatle (2016), explicando Freud em “Novas conferências introdutórias à psicanálise” e “Por que a guerra?”, coloca o potencial de uma ditadura da razão para impedir que a guerra de todos contra todos, propulsionada pelo sentimento de precariedade da segurança, continue a atuar como forma de legitimação de violências. Para o autor,

---

<sup>6</sup> Palavras de Mattos que intitulam um dos capítulos do romance.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-11
----------------------------	-------------	-------	------	------

[...] uma “ditadura da razão significa operar sobre si um trabalho que nos permita ser afetados de outra forma,<sup>7</sup> conjugar a violência de outra maneira, produzir novos afetos, sensibilidades insensíveis a certas excitações sensíveis ao que, em outras condições, seria imperceptível. (Safatle, 2016, p. 89)

O desenvolvimento do pensamento crítico de Lemuel perpassado pelas vivências na Casa, pelo convívio com a classe média conservadora e, principalmente, com o professor Homera, apresenta justamente a proposta de trabalhar sobre si a fim de perceber o outro, de modo a colocar em dúvida as certezas. Em *A Casa da mãe dos homens*, contrariamente neste ponto a Bachelard, nada é sólido no sentido de permanente, imóvel e essencial. Tudo está sujeito a novas configurações e possibilidades, de modo que Homera propõe vivências e leituras a Lemuel ensinando a ele que, em consonância com Safatle, a política se faz em um corpo feito de indivíduos, mas também feito do coletivo. Assim, pensar por si não é uma possibilidade. Conforme Homera: “– Se você não sabe de quem é a voz que você ecoa, não consegue sentir o próprio hálito [...]. Pensar pela própria cabeça é uma pretensão inútil. A gente apenas decide ao lado de quem a gente quer estar” (Mattos, 2023, p. 73).

As decisões de lado político defendidas como necessárias por Homera estão incorporadas no plano de fundo da narrativa por meio de Incidentes como as manifestações públicas de 2013, trazendo à baila a tomada por parte da direita das pautas inicialmente progressistas que propuseram o início do movimento. A violência, mesmo que a nível de discurso, a truculência da polícia diante dos mais socialmente vulnerabilizados nos manifestos e o tratamento diferenciado que cada um recebe de acordo com sua raça, classe e gênero são explicitados nas confusões nas quais as personagens acabam por se achar inseridas. Ao comentar o caso do desaparecimento de Amarildo, pauta dos protestos de 2013, uma das personagens afirma: “Desculpe, companheiro, mas as UPPs estão aí para garantir a segurança de todos. Quem não deve não teme. Se a polícia pegou, tinha motivo.” (Mattos, 2023, p. 258). E logo em seguida:

A polícia vai lá bater em quem tem que bater, proteger quem tem que proteger. Mas é difícil separar ali o joio do trigo. De vez em quando cometem um erro. Inevitável. E não nos esqueçamos de que direitos humanos são para humanos direitos. (Mattos, 2023, pp. 258 -259)

Nesse sentido, o tratamento que a sociedade delegava a Franciszka – a prostituta e companheira de Amadeu e Candinha – não se diferencia daquele delegado a Homera e aos assistidos da casa, vítimas, em maior ou menor grau, do tratamento violento que demonstra o sucesso da extrema direita na perpetuação dos ideais de Deus, pátria e família.

<sup>7</sup> Grifos do autor.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-11
----------------------------	-------------	-------	------	------

Nesse ponto, a Casa é local de resistência. Na época do barão e suas duas companheiras, a casa era conhecida pelos saraus, pelo progressismo, um dos casais frequentadores abrigou Prestes e Olga Benário, e pelo prazer de viver e compartilhar a vida uns com os outros. Tornou-se, como tendem a tornar-se as casas na literatura, espaço de reunião e troca de ideias. O erótico, no sentido definido por Audre Lorde (2020), ou seja, uma sensação de satisfação que advém do compartilhar o quer que gere prazer em um indivíduo com os demais, permeia as paredes e os habitantes.

Com vivências baseadas nas muitas possibilidades do erótico, *A Casa da mãe dos homens* propõe-se a ser cenário acolhedor das descobertas e experimentações que levam seus habitantes e visitantes a compartilhar o gozo e também a dor de viver. Conforme segredos, violências e ataques vêm à tona, é esse vínculo que mantém a unidade e a força para continuar construindo a vida que propicia a possibilidade de vivenciar um fim para abrir espaços para um potencial um novo começo. Com afeto, esperança e acolhimento, a destruição de um lugar é vivida e sentida, mas nunca completamente deixada para trás, uma vez que, de acordo com Bachelard (1978), a casa de origem, a casa onírica nunca é perdida. Ela é reencontrada nos sonhos, no inconsciente, nas profundezas mais íntimas do nosso ser: “Assim, além de todos os valores positivos de proteção, na casa natal se estabelecem os valores de sonho, últimos valores que permanecem quando a casa já não existe mais” (Bachelard, 1978, p. 208).

Apesar do enfoque sobre a violência que permeia a narrativa, *A Casa da mãe dos homens* é um livro de esperança. A violência que cerceia e fere as personagens serve de pano de fundo para o cultivo de relações humanas acolhedoras, amorosas, eróticas e capazes de mover cada um em direção a um horizonte utópico, muito provavelmente inalcançável, mas inspirador e capaz de proporcionar mudanças, afinal, conforme a autora do romance, “o mundo que a gente quer nasce no dentro da gente”.

Ler o novo romance de Ione Mattos é permitir-se ser permeado pela dor, pelo sofrimento e também pelo amor que cada personagem demonstra de um jeito particular. A leitura garante o riso, o choro e a companhia de personagens cuja densidade psicológica é tão bem trabalhada que continuam a acompanhar o leitor depois que o livro é fechado. O questionamento sobre os futuros das personagens permanece, como se elas fossem entes queridos. As possibilidades em aberto do final – recomeço da narrativa deixam a esperança de que seja possível espiar pela fechadura da nova casa e (re)conhecer seus habitantes e visitantes, quem sabe em um segundo volume.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-11
----------------------------	-------------	-------	------	------

## Referências

- ALLENDE, Isabel. **A casa dos espíritos**. São Paulo: DIFEL, 1986.
- ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- ETTE, Ottmar. **Fractais do mundo: Caminhos pelas Literaturas do Mundo**. Porto Alegre: Class, 2022.
- HOLLANDA, Chico Buarque de. **A moça do sonho**. Rio de Janeiro: Biscoito Fino: 2017. CD (2:47m).
- LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. São Paulo: Autêntica, 2020.
- MATTOS, Ione. **A casa da mãe dos homens**. Rio de Janeiro: Telha, 2023.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. Repensando a cultura, a literatura e o espaço de autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (org.). **Rompendo o silêncio: gênero e literatura na américa latina**. Porto Alegre: UFRGS, 1995, pp. 182-189.
- SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- VERÍSSIMO, Érico. **O tempo e o vento**. Porto Alegre: Globo, 1951-1966, 3º volume.
- WOLF, Virginia. **Ao farol**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-11
----------------------------	-------------	-------	------	------